

Para pensar posibilidades além das urbanizações operativas

Raí Nunes dos Santos¹*

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

* Correspondencia: rai.santos@ufrgs.br

Recibido: 03/06/2021; Aceptado: 01/08/2021; Publicado: 30/12/2021

Resumo

Este artigo oferece uma discussão e reflexão sobre alguns processos de urbanização na América Latina. O trabalho vai em busca de uma relação entre o fenômeno da metropolização e da expansão de paisagens operativas, processos que dotam as cidades e as metrópoles de objetos, funções e posições no contexto do capital global. Por outro lado, essa proposta expõe como a reprodução e acesso nas cidades, a partir das periferias e ocupações oferecem outras formas de habitar e produzir as cidades. O texto se constrói a partir da perspectiva das diferentes lógicas da produção e utilização das cidades, busca-se realizar uma reflexão sobre as ações que os atores, atuantes nessas diferentes escalas de poder, perpassamos pelo fenômeno da implosão-explosão urbana, e destacamos o quanto diferente são as formas de se pensar e se fazer a cidade. Essa reflexão é fruto de uma revisão de textos, que tem como seu maior resultado a proposição de caminhos de investigativos que considerem diferentes lógicas produtoras do espaço urbano e as lógicas da reprodução das metrópoles.

Palavras chave: Metrópole; Urbanização; Atores; Paisagens Operativas; Implosão-Explosão.

To think about possibilities beyond operational urbanizations

Abstract

This article offers a discussion and reflection on some urbanization processes in Latin America. The work seeks a relationship between the phenomenon of metropolization and the expansion of operative landscapes, processes that provide cities and metropolises with objects, functions and positions in the context of global capital. On the other hand, this proposal exposes how reproduction and access in cities, from the outskirts and occupations, offer other ways of inhabiting and producing cities. The text is constructed from the perspective of the different logics of the production and use of cities, it seeks to reflect on the actions that the actors, active in these different scales of power, go through the phenomenon of urban implosion-explosion, and we highlight the how different are the ways of thinking and making the city. This reflection is the result of a revision of texts, the main result of which is the proposition of investigative paths that consider different logics that produce urban space and the logics of metropolis reproduction.

Keywords: Metropolis; Urbanization; Actors; Operative Landscapes; Implosion-Explosion.

1. Introdução

Partimos de uma caracterização do modelo de urbanização latino-americano. Não se pretende nesse ensaio realizar uma discussão exaustiva sobre as diferentes fases e modelos, além das particularidades de que cada estado-nação desenvolveu suas políticas urbanas. Aqui pretende-se atender para a discussão de pontos chave no sentido de uma caracterização breve e mais recente, importante para entender o atual contexto e partir para uma investigação que explore, em outro momento, uma caracterização com maior detalhamento. De toda forma, o interessante aqui foi poder buscar as semelhanças, o fio condutor que permeia os diferentes modos de urbanizar no continente, e mesmo que em ritmos diferentes foram se assemelhando e difundindo.

Um ponto do processo sócio-histórico que não pode ser esquecido é que o modelo de urbanização, bem como o acesso à terra tão desigual, são reflexos de uma herança colonial enraizada pelo continente. As políticas urbanas de bem-estar social perduraram por muito pouco tempo, e atingiram apenas uma classe trabalhadora urbana nesse curto período. Por isso podemos dizer que a construção em larga escala de habitações, com viés de sanar o déficit habitacional não avançou como poderia. Bem como as políticas públicas de distribuição de renda e terra (tanto rural, quanto urbana) foram insuficientes e logo extintas. É dessa forma que somado a uma abertura aos capitais internacionais, uma desindustrialização das cidades e a migração campo-cidade, que chegamos a um contexto urbano fragmentado e desigual.

A partir da década de 1980 com a crise do fordismo nos países centrais, e o avanço das políticas neoliberais, presenciamos um fortalecimento dos atores do capital como atores ativos na produção das cidades e na atuação direta no espaço. Aqui é importante salientar que não podemos pensar que em algum momento o capital esteve ausente da produção do espaço urbano, mas sim, é nessa fase que retoma com força as articulações de suas ações engendradoras da cidade, sobrepondo os parcelamentos e usos impostos por organismos estatais e atuando nas decisões de uso do solo, materializando e (re)tomando a produção da cidade em si e para si.

Esta dualidade Estado-Mercado pode ser interpretada a partir dos planejamentos e interesses estatais, e do capital atuando com maior liberdade na compra de grandes áreas para futuros loteamentos, além das políticas de desregulamentação com regulamentação favoráveis a circulação e reprodução do capital. Mas na América Latina, devemos pontuar que mesclado aos interesses do capital e das permissões do estado, existe o forte processo de uma urbanização por necessidade. Essa necessidade está em habitar a cidade, local que concentra oportunidades laborais e de formação, necessidade de estar mais próximo dos serviços públicos, necessidade de encontrar uma fonte de renda, e também a necessidade forçada de deixar áreas rurais cada vez mais voltadas para ações do capital. É necessidade de sua sobrevivência e reprodução socioeconômica. A partir dessa urbanização por necessidade, está outra importante forma de produção da cidade, uma cidade espontânea, pautada na necessidade e no momento, que se dá a partir daqueles atores que não conseguem com seus rendimentos acessarem o mercado formal de terras, e apenas conseguem acessar o espaço urbano a partir de ocupações de áreas públicas e privadas. É fazer a cidade para habitar a cidade.

Uma atual característica das cidades latino-americanas está no fenômeno da metropolização e financeirização das cidades. Segundo Pedro Martín Martínez Toro (2016), desde o final da década de 1970 os países latino-americanos estão sob o paradigma econômico do neoliberalismo, com forte influência da globalização e com grande circulação do capital financeiro. Dessa forma, observamos um avanço das características urbanas sobre outros territórios, bem como os modelos de urbanização expansiva e intensiva. A livre circulação do capital, a adoção as políticas neoliberais, o espaço urbano cada vez mais especializado e voltado para uma determinada condição, transformam as cidades cada vez mais em locais de grandes diferenças socioeconômicas e de distanciamento de quem nela habita. Também apontado por Carlos de Mattos (2016) de que nesse modelo as cidades adotam práticas de

competitividade, em busca sempre de um maior poder de atração do capital. Nesse modelo a cidade, ou ainda o discurso sobre a cidade, é mais importante que o cidadão.

Ao pensarmos essa produção de cidade, podemos levar em consideração as estratificações de camadas sociais, e se associarmos que cada ponto no espaço reúne características únicas vantagens ou desvantagens locais, encontramos a ideia de Pierre Bourdieu (1989) que existirá também a busca por distinção socioespacial, é dizer, os grupos socioeconômicos elevados, que podem pagar pelo acesso à terra e por conseguinte escolher a posição espacial, estarão agrupados também por estas posições diferenciais no espaço urbano.

O mercado imobiliário atuando livremente no engendramento do espaço urbano, sabe tirar proveito dessa situação, levando então a criação de novos espaços para concentrar estes grupos, a partir de amenidades específicas. Com esta compreensão somamos a ideia de Ciccolella (2015) de que na América-Latina as cidades globalizadas e financeirizadas são para certos grupos privilegiados. Outros fenômenos também devem ser destacados um deles é a reprodução e proliferação do modelo de condomínios e bairros fechados (RIWILIS, 2008). Criando espaços segregados, murados e controlados nas zonas periféricas dos espaços urbanos, concentrando e homogeneizando uma população que busca fugir da diversidade que é o urbano. Outro destaque são ações de city marketing com a construção de prédios icônicos, de centros financeiros, centros de convenções, etc. Em uma tentativa de tomar uma posição de relevância e criar um cenário favorável para investimentos nas cidades. Dessa forma, busca-se passar um discurso único da cidade. Mais uma vez, a cidade parece ter mais importância que os próprios cidadãos.

2. Espaço como produto social, do rural ao urbano e Cidade Implosão Explosão

Dentro do que é entendido como espaço, reforço o argumento de que ao tomarmos o espaço como um produto social, que ele não existe por si próprio ou como condição dada, ele é produzido. É a partir desse entendimento de Henri Lefebvre (2013) que podemos romper com a ideia generalizada de que o espaço seja uma realidade material independente. Para tanto, o espaço e o tempo são entendidos como aspectos da prática social, sendo assim, não existem em uma teoria universal, sendo compreendidos apenas no contexto de uma sociedade ou grupo em específico.

É com essa construção do espaço como produto social que Lefebvre, apresenta o processo de “implosão-explosão” das cidades. Dentro de um espaço e tempo, a partir de experiências, e do contexto da sociedade nesse momento histórico. A proposta é de que as cidades estavam se expandindo cada vez mais de maneira horizontal no espaço, se espalhando como mancha urbana, com a incorporação de áreas periféricas, subúrbios. Outra constatação é que cada vez mais as cidades estavam “unidas”, no sentido que o tecido urbano não estava mais separado. E em contraponto, e dialeticamente conectadas, cada vez mais a população estava se concentrando, com densificação do uso do solo e com a expansão de forma vertical. Como refletido por Carlos de Mattos (2016), a reprodução da lógica capitalista, vai integrando outros espaços, é nada mais que a reprodução social do espaço capitalista chegando a diferentes confins.

Dentro desse contexto de expansão urbana, Henri Lefebvre (1999) propõe então a “implosão-explosão” das cidades. Embora não sejam conceitos fechados e definidores, como apontado por diferentes autores que discutiram sua obra, essa proposição conceitual permite a compreensão da implosão das cidades, no sentido de que perdem importância econômica, população deixa de habitar os grandes centros, e na explosão das cidades, onde a fuga de atores desses centros “implodidos” levam a constituição e aumento de características urbanas para as “não cidades”. Roberto Monte-Mór (2006), discutindo sobre o processo de implosão-explosão de Lefebvre:

A implosão se dá na cidadela sobre si mesma, sobre a centralidade do excedente/poder/festa que se adensa e reativa os símbolos da cidade ameaçada pela lógica (capitalista) industrial. A explosão se dá sobre o espaço circundante, com a extensão do tecido urbano, forma e processo sócio-espacial que carrega consigo as condições de produção antes restritas às cidades estendendo-as ao espaço regional imediato e, eventualmente, ao campo longínquo conforme as demandas da produção. (MONTE-MÓR, p.9, 2006).

Esse processo dialético “implosão-explosão” fornece uma forma de análise para pensarmos que passamos a viver em uma sociedade urbana. Pois é na constituição de novas formações urbanas que assistimos a cada vez mais os diferentes espaços ganharem condições urbanas. É a reprodução do espaço como produto social dessa sociedade. Nesse sentido, observamos que cada vez mais diferentes espaços ganham importância dentro de uma sociedade urbana e global, fornecendo recursos e desempenhando atividades que estão conectadas dentro da sociedade urbana como um todo. Essa forma de pensar que o rural estaria superado, não é negar a existência das práticas e paisagens rurais e até das paisagens naturais, mas sim, integrar os atores que vivem nesse espaço como atores dessa sociedade que é ditada pelo urbano, de que esses espaços são hierarquizados e requisitados pelo urbano.

3. Ações – Atores desterritorializados, agir através de agentes.

Dentro de uma mudança no cenário de circulação de capital e investimentos globais, a passagem da cidade industrial para uma cidade financeira. Também associamos ao que Milton Santos (1996) chamou de avanço do meio técnico-científico-informacional, destacando para as possibilidades que as novas tecnologias possibilitaram da circulação de pessoas, produtos e também de capital. Dentro dessa maior circulação dos capitais, Carlos de Mattos (2007) descreve que uma nova geografia se articula no circuito de capitais desnacionalizados e transfronteiriços. Um dos impactos significativos dessa busca por capitais está na busca de uma capacidade de atração desses investimentos em diferentes locais, e na disputa que os lugares promovem tentando atrair os capitais para si.

Iniciou então uma busca de rentabilização do capital, com políticas e regulamentações favoráveis, em produtos imobiliários nos países latino-americanos. Essa busca por reprodução, acelerou o desenvolvimento e incorporação de novas áreas em espaço urbano, bem como criou novos produtos imobiliários, como condomínios fechados e centros de escritórios, bem como serviu de financiamentos para obras públicas para dotar o território de infraestruturas para atrair novos investimentos. A discussão que queremos realizar aqui é sobre os atores e agentes que estão engendrando os espaços urbanos. Nesse sentido é importante expressar que os sujeitos podem se expressarem como atores e/ou agentes, em diferentes escalas e tempos. Compreendemos como um ator como um sujeito que age com intencionalidade específica (DI MEO, 2007) e como agentes quando os sujeitos estão reproduzindo uma lógica determinada.

Como estamos discutindo, a partir de um capital cada vez mais desterritorializado, os atores que atuam com intencionalidade na constituição dos espaços urbanos, são também cada vez mais distantes daquela realidade local. E dessa forma, se servem de atores locais que funcionam como agentes reprodutores dessa lógica, na escala das cidades, reproduzindo e produzindo um espaço urbano global. Sendo assim, as lógicas que engendram os espaços urbanos são cada vez mais deslocalizadas, e não levam em consideração as especificidades locais, apenas buscam reproduzir o modelo, e a reprodução do capital com a utilização e a produção do espaço com suas intenções.

Como o espaço urbano é produzido e intencional, existem diferentes formas de incorporação e produção do mesmo, uma leitura muito citada nessa discussão é a de Roberto Lobato Corrêa (1989)

classificou estas formas como agentes promotores, sendo estes: proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, Estado e dos grupos sociais excluídos. O próprio autor em 2011, realiza uma espécie de atualização destas categoriais:

“Reflexo, meio e condição social, o espaço urbano é constituído por meio de processos e práticas espaciais postos em ação por diversos agentes sociais, as grandes empresas do capital industrial-financeiro, os proprietários de terras, os promotores imobiliários, o Estado, os grupos sociais excluídos e os movimentos sociais organizados.” (CORRÊA, 2011. p. 24).

Notamos a atualização do autor que incorpora o capital financeiro como um dos agentes produtores do espaço urbano, com esta compreensão destacaria que o capital financeiro é o ator global, e que os agentes locais apenas se valem das ações desses atores na reprodução da lógica. Mas o importante é destacar que no espaço urbano que estão condensadas e entrelaçadas as ações destes atores/agentes sociais. As contradições seguem, quando pensamos então nas urbanizações informais, como um contraponto e que seguem sendo um motor de produção das cidades na América-Latina.

Seguindo essa linha de pensamento, propomos pensar que os atores periféricos, os grupos sociais excluídos, seriam aqueles que teriam o menor poder de decisão e intervenção no espaço, ou seja, os atores mais frágeis. Mas se levarmos em consideração as separações teóricas entre atores e agentes, são esses grupos que possuem o maior poder de decisão sobre as suas ações, onde a partir de ocupações e assentamentos conseguem realizar uma urbanização funcional. É claro que essa urbanização é precária, tanto no sentido de infraestrutura, tanto no sentido de permanência. Mas busca produzir um espaço de reprodução social, que dê acesso a cidade e a moradia. É uma contradição, mas não deixa de ser uma forma de resistência e de demonstração de força de decisão no espaço urbano, dando destino a habitação e não a especulação e reprodução do capital.

4. Paisagens operativas – uma ferramenta conceitual

Dentro das discussões dos processos de metropolização, passamos para o entendimento de que o fenômeno urbano está além das cidades, onde as atividades econômicas e as formas urbanas ultrapassam os limites e as manchas urbanas das cidades. Dessa forma cada vez mais as regiões adjacentes as cidades, e em particular nas metrópoles, ganham importância. Esse processo de mudança e expansão da urbanização pelos processos de metropolização já foi apontado por Edward Soja (2013) e Sandra Lencioni (2020) e configura um fenômeno que domina e orienta a urbanização em uma sociedade cada vez mais globalizada e conectada. Conforme aponta Lencioni:

É que essa mudança radical que implica na produção de novas formas com novos conteúdos na produção do espaço, não significa que as formas e conteúdos anteriores deixem de existir; eles continuam ser produzidos, mas não exprimem a hegemonia do processo de metropolização. (LENCIONI, p. 32, 2020).

Nesse processo de metropolização devemos destacar que embora predomine em grandes aglomerações e metrópoles, esse processo também engendra e organiza processos urbanos em cidades menores e distantes das metrópoles. Ou seja, a metropolização organiza, produz e hierarquiza o espaço que é necessário para sua reprodução e sobrevivência. Podemos buscar exemplos dos recursos minerais que não estão próximos a metrópoles, mas são extraídos de outros locais, mas tendo papel fundamental para o crescimento das formas urbanas, assim como outros

exemplos como a produção para alimentação da população urbana, centros financeiros e de escritórios, geração de energia, etc. Todos esses são processos que influenciam diretamente na organização, manutenção e crescimento das grandes aglomerações, mas que de outro lado ditam as funções que os espaços além metrópole tendem a desempenhar.

Cada vez mais torna-se mais difícil diferenciar e separar o que é urbano do que é rural, não só pelas formas que ainda são uma maneira visual de realizar essa separação, mas sim pelas funções que desempenham. Sendo assim, uma paisagem pode parecer rural nos seus elementos constitutivos, em sua forma, mas pode desempenhar um papel que é demandado e voltado de maneira exclusiva para uma área urbana, sendo então a extensão para que o espaço urbano aconteça. Outra manifestação está em cada vez mais a construção de loteamentos nas bordas das cidades, onde busca-se evidenciar uma paisagem rural, mas que tem todas suas ações voltadas para um estilo de vida urbano. Cada vez mais assistimos uma passagem do rural para o urbano, e isso se dá maneira planetária como apontou Lefebvre (1999) em “A Era Urbana”, sobre a transformação para uma sociedade urbana. Discutindo sobre estarmos em uma era urbana, Brenner (2018) destaca a importância de que devemos explorar e analisar essa condição além das grandes cidades globais, demonstrando como cada vez mais os espaços estão sendo operacionalizados para atender demandas das áreas urbanas, que com maior poder econômico, possuem maior poder decisão sobre esses espaços. O espaço está imbricado ao urbano como um todo.

Seguindo a partir das contribuições de Neil Brenner (2018) está na formulação da conceituação de paisagens operacionais, onde as mesmas seriam espaços pensados e engendrados com um propósito, e essa função estaria muito atrelada a um outro espaço urbano. Sendo assim, essas paisagens operativas servem como espaços de apoio para as cidades, em especial para as metrópoles. Por isso, podemos seguir com o raciocínio de que o urbano está além da cidade em si, mas também incorporando espaços que são extensões operativas da cidade, seja porque a cidade não possui interesse em manter essas atividades em seu perímetro, seja porque não há espaço para isso na cidade. Dessa forma, o autor nos leva a compreender que é mais importante pensarmos nas funções desempenhadas do que nos percentuais (simplistas) de quanto da população vive em áreas urbanas ou rurais. Pois o quanto esse rural não é vivido como urbano? O quanto esse rural não é destinado ao urbano? Qual ações são exclusivas dos espaços urbanos e rurais? A partir desses questionamentos somos levados que cada vez mais estamos em uma sociedade urbana.

Pensando em uma análise de escalas sobre as paisagens operativas, as encontraremos em diferentes posições e com distintas funcionalidades. Com os espaços urbanos cada vez mais globalizados e financeirizados, as cidades funcionam ainda mais como vitrines para investimentos externos, ou ainda, para operarem servirem de base de operação para outros centros urbanos. A competitividade entre espaços que querem operar determinadas funções também acontece com grandes centros urbanos, e que por sua vez destinam a espaços urbanos menores outras atividades, bem como nesses espaços buscam reproduzir o capital financeiro. A hierarquização e a disputa por posições privilegiadas no circuito financeiro e global levam também a adoção de políticas voltadas para busca de investimentos externos, isenções tarifárias, construção de edifícios com formas icônicas, melhoramento de infraestruturas, etc. Voltando a uma discussão entre atores e agentes, destaca-se o menor papel de decisão dos gestores locais, e sim, uma posição de submissão e reprodução frente aos atores que realmente decidem sobre esses espaços.

Vamos nos aproximar de um estudo de caso que é a cidade de Buenos Aires, na Argentina. Seus limites sobre onde termina a cidade é mais uma fronteira administrativa e imaginada, não é notada em si no espaço. Ao norte da cidade, no município do Tigre, estão grandes áreas de condomínios fechados, que operam funções de habitação para a cidade de Buenos Aires. É nesse município também que estão diferentes áreas de lazer e descanso. Ao Oeste estão localizadas as zonas

industriais e de grandes centros de compras, bem como urbanizações voltadas a uma classe operária. Ao Sul novos centros financeiros com escritórios e áreas destinadas ao turismo cultural se proliferam. E tudo isso se interconecta com a cidade de Buenos Aires a partir de autopistas e trens urbanos, onde o deslocamento pendular tem taxas muito elevadas.

Esses exemplos buscando uma escala espacial mais próxima da metrópole. Ao ampliarmos a escala, diferentes regiões operam atividades para a metrópole de Buenos Aires, extração de recursos minerais fósseis, produção de energia, produção de alimentos, industriais, etc. E ainda, se cruzarmos o Rio da Prata, a cidade Colônia do Sacramento, no Uruguai, funciona como um porto que quase exclusivamente destinado ao transporte de passageiros para a metrópole de Buenos Aires. Esse porto tem fundamental importância no deslocamento de pessoas, mas também de capitais que são aplicados nos dois países. Dentro da própria metrópole podemos encontrar espaços destinados a ações que pouco tem ligação com o seu entorno, mas sim aos grandes centros financeiros mundiais, funcionando como portais para atores globalizados.

Com esses exemplos, mesmo um maior detalhamento, construímos uma ferramenta metodológica útil para o entendimento dos espaços urbanos, buscando como relacionar as diferentes maneiras de metropolização e financeirização dos espaços urbanos latino-americanos a partir das escalas. Esse jogo de escalas será fundamental para entender diferentes papéis e quais atores estão atuando direta e indiretamente na constituição do espaço. Também a partir dessas escalas de análise conseguimos compreender uma visão do todo, onde poderemos oferecer a análise das desconexões que existem dentro do espaço urbano, conectando sua função como operativa de outro espaço. Dessa forma as paisagens operativas são resultado direto da implosão-explosão das metrópoles, atuando diretamente na incorporação de espaços ao urbano.

5. Possibilidades – contraponto ao urbano operativo

Aproximando ao objeto proposto a ser desenvolvido na pesquisa de tese, buscamos identificar a constituição de territórios e geografias próprias, como espaços de possibilidades. Isso é, identificar comunidades, ocupações, grupos, que pelas ações de apropriação e dominação do espaço, transformaram aquele espaço em um território próprio. A partir das discussões realizadas dentro desse ensaio, que faz o fechamento da disciplina, sinto que tive um crescimento teórico importante, pois enxergando a cidade os processos de metropolização e financeirização, pude compreender que é frente a esse processo de urbanização que esses territórios de possibilidade surgem como alternativo frente ao hegemônico.

Destaco que a pesquisa está centrada na construção teórica realizada por Horácio Bozzano (2000) na qual realiza uma dialética entre real, pensado e possível como categoriais do território. Essa construção teórica está muito influenciada por Edward Soja (1996), para o qual o paralelo é de que o território real seja pensado como o espaço concreto, o território pensado como o espaço imaginado, e o território possível como o espaço cotidiano. Dessa maneira que pretendo me deter no conceito de Território Possível de Horácio Bozzano (2000), pois ao mesmo tempo que o autor o aponta também como o território dos planejadores, também destaca que o território possível é lugar das intenções e possibilidades, tanto pessoais quanto coletivas dos atores. O território possível é o das possibilidades de trabalhar para um futuro a partir do presente, realizamos assim uma interpretação que pode ser muito associado ao espaço vivido.

Esse espaço vivido, quando tomamos como ponte de análise os espaços urbanos, está mais próximo ao cotidiano. Mas destacamos aqui a força de ação dos grupos menos favorecidos e das ocupações nas cidades. Buscando a lógica de habitar a cidade, de reprodução socioeconômica, de direito à cidade e a moradia, esses atores engendram a cidade com suas ações diretas no espaço. Constituem espaços de resistência, de possibilidades, de quebrar com a lógica dos atores hegemônicos, de uma cidade

apenas operativa. Quer explicitar essas comunidades como formadores de cidade, como produtores de uma cidade funcional, no sentido de ser local de encontro e de reprodução social e econômica para uma população de características urbanas. Precisamos explorar ainda o que seriam os contrapontos dos modelos de urbanização e imposição do urbano como operativo, formal, financeiro. Apontamos para um caminho a partir das urbanizações informais, espontâneas, cotidianas, que estão vinculadas a lógica de reprodução social e sobrevivência nas cidades.

Fundamentamos esses territórios como espaços de possibilidades a partir das contribuições de Lefebvre (1991) e Serpa (2007) de que existem lugares do possível, que se manifestam como alternativas contra-hegemônicas. Esses territórios vão além e não se referem apenas ao habitar o espaço urbano e a possuir suas relações de troca com ele, mas a estabelecer outro ritmo e estilo de vida, os quais são muito próprios dos grupos que os constituem. Desta forma também cabe ressaltar duas contraposições de ritmos urbanos, naqueles espaços operativos e nas outras formas de produzir e habitar a cidade. E como dotar o território de aparatos de infraestrutura para aceleração do ritmo da cidade, interfere diretamente em urbanizações informais, pois é habitual que o capital escolha justamente essas áreas “mais lentas” como as escolhidas para serem deslocadas e dar espaço a essas novas infraestruturas em busca de “mais velocidade”.

Referencias bibliográficas

- BRENNER, Neil. *Espaços da urbanização: o urbano a partir da teoria crítica*. Letra Capital Editora LTDA, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOZZANO, H. **Territorios reales, territorios pensados, territorios posibles: aportes para una teoría territorial del ambiente**. Buenos Aires: Espacio editorial, 2000.
- CICCOLELLA, Pablo. Las Metrópolis Latinoamericanas en el contexto de la globalización: las mutaciones de las áreas centrales. **Para Onde!?**, v. 9, n. 1, 2015.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **A Rede Urbana**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- _____. Perspectivas da urbanização brasileira: uma visão geográfica para o futuro próximo. In: PEREIRA, Elson Manoel; DIAS, Leila Christina Duarte (orgs.). **As cidades e a urbanização no Brasil: passado, presente e futuro**. Florianópolis, Insular, 2011. (p. 17-30).
- DI MÉO, G.; BULÉON, P. **L' espace social. Lecture géographique dès sociétés**. Paris: Armand Colin, 2007
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.
- _____. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- _____. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.
- LENCIONI, Sandra. Concepções da metamorfose metropolitana. In BÓGUS, LUCIA; PASTERNAK, SUZANA; MAGALHÃES, LUÍS FELIPE AIRES (orgs.). **Metropolização, governança e direito à cidade dinâmicas, escalas e estratégias**. São Paulo: EDUC: PIPEq, 2020. (p. 31-50).
- MARTÍNEZ TORO, Pedro Martín. La metropolización afectada por la globalización: reflexión epistemológica sobre la nueva revolución urbana. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, v. 25, n. 2, p. 77-105, 2016.
- MATTOS, Carlos A de. Globalización, negocios inmobiliarios y transformación urbana. **Nueva sociedad**, v. 212, p. 82, 2007.
- MATTOS, Carlos A. de. Financiarización, valorización inmobiliaria del capital y mercantilización de la metamorfosis urbana. **Sociologias**, v. 18, n. 42, p. 24-52, 2016.
- MONTE-MÓR, Roberto. **O que é o urbano no mundo contemporâneo**. Belo Horizonte: Cedeplar, UFMG, 2006.
- RIWILIS, Viviana. Los barrios cerrados en las metrópolis latinoamericanas: ¿nuevo producto inmobiliario o una nueva forma de habitar la ciudad? El caso de Nordelta en Buenos Aires. In PEREIRA, Paulo. C.X.; HIDALGO, Rodrigo. (ed). **Producción inmobiliaria y reestructuración metropolitana en América Latina**. Santiago, Chile, 2008. (p. 119-136).

- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SERPA, A. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- SOJA, E.W. **Thirdspace: Journeys to Los Angeles and Other Real-and- Imagined Places**. Blackwell Publishing: Oxford, 1996.
- SOJA, Edward W. **Seeking spatial justice**. University of Minnesota Press, 2013.



Esta obra se encuentra bajo Licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial 4.0. Internacional. Reconocimiento - Permite copiar, distribuir, exhibir y representar la obra y hacer obras derivadas siempre y cuando reconozca y cite al autor original. No Comercial – Esta obra no puede ser utilizada con fines comerciales, a menos que se obtenga el permiso.